

Resgatando a memória dos Patronos

Publica-se neste número dados sobre a Vida e Obra de Jean Maugüé, Patrono da Cadeira nº 17, denominada pelo seu próprio nome.

"Nasceu Jean Maugüé a 15 de setembro de 1904, em Cambrai França. Após cursar a *Ecole Normale Supérieure* em sua terra natal, aperfeiçoou na Alemanha seus estudos filosóficos durante dois anos, tomando-se profundo conhecedor dos filósofos germânicos. Por outro lado, conheceu a Psicologia da Gestalt no seu centro mais importante na época.

Allain e Brunschvicg eram seus mestres mais admirados. Eram-lhe familiares os filósofos franceses: Descartes, em primeiro lugar, Montaigne, Pascal, Malebranche, tanto quanto Rousseau e Bergson. Também conhecia a fundo os ingleses, como Hume, e os contemporâneos, Russell e Whitehead.

'Aggrégé d'Université', aos 30 anos era um dos mais brilhantes professores de Liceu em Paris, razão pela qual foi um dos escolhidos por George Dumas, a convite da Universidade de São Paulo, fundada em 1934, para integrar a missão universitária francesa que viria inaugurar o ensino de Filosofia e Ciências Humanas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, então criada, a qual deveria formar pesquisadores, professorado secundário e superior, assim como uma elite cultural necessária a um Brasil ainda agrícola e patriarcal, mas já se iniciando na industrialização.

A nova Faculdade representou uma ruptura com os padrões locais, encerrando a era dos autodidatas, cujo saber se constituía com base em acasos de leituras e influências, iniciando uma formação filosófica, científica ou literária, orientada segundo uma provada tradição.

Durante 10 anos, Maugüé se dedicou à formação das novas gerações que buscavam a Filosofia ou a Psicologia. Diferentemente de seus colegas, não teve o encargo de uma, mas de quatro "Cadeiras"; de fato todas as de Filosofia, uma delas a Psicologia. O ensino da Psicologia como uma parte da Filosofia, conforme a tradição francesa, nas circunstâncias foi benéfico aos alunos. Aqueles interessados primariamente em Psicologia, acabavam recebendo formação filosófica que lhes abria insuspeitos horizontes - e aprendiam a pensar criticamente, numa época em que a atitude cientifista não era comum.

Os cursos de Maugüé eram anuais, monográficos e rotativos, cada um deles assistido pelo conjunto das três séries da Seção de Filosofia. (Os cursos de História da Filosofia recebiam também os alunos de Ciências Sociais). Em História da Filosofia, o campo predileto de Maugüé, em três anos, o aluno teria assim estudado três filósofos, por exemplo: Descartes (período Helenístico), - Kant e outros. Fossem esses ou, com o passar dos anos, outros filósofos - pré-socráticos, Platão e Aristóteles, e posteriormente Spinoza, Schopenhauer, Nietzsche, ou Hegel em lugar de ter assistido a um desfile de teorias, sistemas, datas e personagens (que poderia obter por si mesmo em qualquer bom compêndio), o aluno assistia à análise, em profundidade, da obra de um filósofo, situado em seu contexto, histórico, à luz da personalidade e das intenções do autor. (Para Maugüé, a Filosofia é o filósofo.)

Eram aulas expositoras modelares; não eram secas, eruditas ou monótonas conferências. Conforme depoimento de ex-alunos a gente assistia às aulas de Maugüé com emoção religiosa, tal a impressão do alargamento de horizonte e elevação do nível de pensamento que causavam. Isto não quer dizer que fizesse proselitismo. Ao contrário, pelo exemplo ele levava os alunos à dúvida metódica, à atitude crítica, ao hábito de *regarder derriere les choses*. Por outro lado, como verdadeiro professor, Maugüé era cuidadoso na crítica ao trabalho dos alunos, procurando estimular, de todos os modos, os que lhe pareciam mais aptos a mna carreira intelectual.

Da mesma forma que em História da Filosofia e demais Cadeiras propriamente filosóficas, o aluno cumpria três cursos em Psicologia: sobre percepção, memória, e personalidade. O estudante tinha o privilégio de acompanhar o pensamento humano sobre o tema ao longo da História da Filosofia, até chegar à Psicologia Experimental tradicional (de que Maugüé era crítico mordaz como Politzer) e à Psicologia da Gestalt, no curso de percepção; ou até à Psicanálise, no de memória, curso em que eram leituras obrigatórias os Três Ensaio sobre a Sexualidade, as Cinco Histórias Clínicas, a Psicopatologia da Vida Quotidiana, entre outras obras de Freud. No programa de personalidade, além da psicopatologia francesa, em geral, e Freud, tinham especial relevo as idéias de Pierre Janet e de Max Scheler. Em todos os cursos, a riqueza psicológica da literatura era posta em evidência. (Para Maugüé, a Psicologia tem suas raízes na Fisiologia e desabrocha numa moral.)

Em meados de 1944, Maugüé deixou o ensino e o Brasil para se incorporar ao exército do General de Gaulle, combatendo na África. Por sua bravura recebeu medalha e promoções. Finda a guerra, não voltou a lecionar, entrando para o serviço diplomático de seu país.

A bibliografia de Jean Maugüé inclui apenas artigos de circunstância publicados no Brasil, sobre Racine, o cinema francês, a pintura francesa, que atestam o vigor de seu pensamento e seu estilo. Infelizmente, nenhum de seus cursos foi publicado."

São Paulo, novembro de 1980

as. Annita de Castilho e Marcondes Cabral (ex-ocupante da Cadeira referida, denominada "Jean Maugüé")